



CAROLINE GARCIA MENDES

**Castelhanadas e comédias: o estereótipo
espanhol durante a Restauração
Portuguesa (1640-1668)**

CLIO: REVISTA DE PESQUISA HISTÓRICA

Dossiê: *Fake News* na época moderna

Recife, v. 41, n. 2 (Jul-Dez), 2023, pp. 208-229

<http://dx.doi.org/10.22264/clio.issn2525-5649.2023.41.2.08>

e-ISSN: 2525-5649



CASTELHANADAS E COMÉDIAS: O ESTEREÓTIPO ESPANHOL DURANTE A RESTAURAÇÃO PORTUGUESA (1640-1668)

RESUMO: Este artigo tem o intuito de discutir como diferentes características acerca dos espanhóis foram difundidas pela Europa, enfatizando as publicações portuguesas durante a guerra da Restauração (1640-1668). A partir de relações de sucesso impressas em Lisboa e do periódico *Mercurio Portuguez*, procuramos demonstrar que o estereótipo de hereges, violentos e sobretudo, de mentirosos, foi utilizado nas publicações portuguesas para desacreditar as informações publicadas do lado castelhano. Buscando compreender como determinadas notícias eram reconhecidas como verdadeiras – mesmo que depois fossem desmentidas – entendemos que a autoridade de quem a vinculava e sua repetição constante contribuía para o “efeito de verdade” alcançado nessa guerra de informação.

PALAVRAS-CHAVE: Circulação de notícias; Guerra da Restauração; Relações de sucesso

CASTELHANADAS AND COMEDIES: THE SPANISH STEREOTYPE DURING THE PORTUGUESE RESTORATION (1640-1668)

ABSTRACT: This article aims at discussing how different supposed Spanish personality traits were disseminated throughout Europe, specially by Portuguese publications during the Restoration War (1640-1668). Through news pamphlets printed in Lisbon and the periodical *Mercurio Portuguez*, we seek to demonstrate that the stereotypes of heretic, violent individuals and, above all, liars, were employed in those Portuguese publications to discredit the information published from the Castilian side. With a view to understanding how certain news were recognized as true – even if later debunked – it is possible to see how the authority of those disseminating it and its constant repetition contributed to the "truth effect" achieved in this information war.

KEYWORDS: News circulation; Restoration War; News pamphlets

CAROLINE GARCIA MENDES

Castelhanadas e comédias: o estereótipo espanhol durante a Restauração Portuguesa (1640-1668)

*“de hoje em diante não me intitulem
mais o cavaleiro dos leões,
mas sim o cavaleiro das galinhas,
pois os leões do escudo de minha pátria se
transformaram em frangos,
e em galinheiros os castelos.”¹*

No dia 17 de agosto de 1588 o Senado de Veneza votou por transmitir suas felicitações ao rei Filipe II pela vitória da Invencível Armada contra a Inglaterra. Três dias depois, o embaixador espanhol em Praga ordenou que o *Te Deum* fosse cantado na cidade em comemoração da mesma vitória. Desde julho os avisos que chegavam em diversas cidades davam conta da conquista espanhola, ainda que sugerindo aguardar maiores informações sobre o grandioso evento que poderia alçar a Monarquia Católica como o maior poder dos mares – ou seja, desconfiando da veracidade das notícias. Em Roma, a vitória era ainda mais esperada, tendo em vista que o Papa Sisto V havia prometido um milhão de ducados às tropas espanholas assim que desembarcassem em solo inglês. Bernardino de Mendoza, o embaixador de Filipe II em Paris, foi um dos responsáveis por fazer circular vários informes que exaltavam a atuação da armada espanhola e que chegaram inclusive a ser impressos na capital francesa e a receber reimpressão em cidades como Lyon e Toulouse. Mendoza chegou a informar seu rei de que o almirante Medina-Sidónia havia capturado o

¹ “que de oy en adelante no me intitulse más el Cavallero de los leones, sino el Cavallero de las Gallinas, pues los leones del escudo de mi patria se avían vuelto pollos, como gallineros los castillos”. *Cartel de Desafio, y protestación cavalleresca de Don Quixote de la Mancha Cauallero de la triste figura en defensión de sus Castellanos*, Lisboa: Oficina de Domingos Lopes Rosa, 1642.

comandante inglês Francis Drake. No final de agosto, Filipe II já se preparava para declarar a vitória através de uma folha impressa.²

Como se sabe, a derrota da chamada Invencível Armada foi devastadora para as finanças espanholas e para seu poder marítimo. Chama a atenção, contudo, como os representantes de Filipe II construíram uma nova realidade a partir das notícias que criavam e difundiam pelo continente, demonstrando como essas informações falsas poderiam influenciar de maneira concreta a realidade. Devido aos vários conflitos em que a Monarquia Hispânica estava inserida ao longo dos séculos XVI e XVII e à grande quantidade de publicações que saíam de suas prensas, os impressos de notícias espanhóis eram desqualificados frequentemente como mentirosos e havia uma propaganda anti-espanhola se disseminando na França, na Inglaterra, e também em Portugal – ainda que desde 1580 ele fizesse parte dos domínios de Filipe II.

Neste artigo, procuraremos discutir como diferentes características atribuídas aos espanhóis circulavam pela Europa e foram exploradas pelos portugueses em seus impressos de notícias sobre a guerra da Restauração. Procuraremos dar atenção ainda à fama de mentirosos, estereótipo bastante difundido durante o conflito.

O estereótipo espanhol pela Europa: fora de moda e comedor de nabos

Em um momento em que o teatro era um importante veículo de comunicação política em Londres, é possível encontrar diversas referências a personagens espanhóis caricatos nas obras de William Shakespeare. Na peça *Trabalhos de Amor Perdidos*, escrita por volta do ano de 1596, o autor utiliza o personagem dom Adriano Armado como uma referência quase explícita à derrota espanhola na batalha naval de 1588. Ao descrever dom Armado, o personagem do rei de Navarra afirma que ignora “até onde vos divertireis, senhores, mas afirmo que agradecerá ouvi-lo mentir e o farei meu menestrel.”³ Ricardo Cardoso argumenta que logo após a derrota da Invencível Armada, os ingleses começaram a construir uma imagem mais sofisticada do inimigo, baseando-se sobretudo na disseminação do texto de Bartolomeu de Las Casas sobre a conquista americana e na Lenda Negra sobre os espanhóis que circulava

² Andrew Pettegree, *The invention of the News. How the world came to know about itself*, Londres: Yale University Press, 2014, pp. 153-154.

³ *Trabalhos de Amor Perdidos*, Ato I, cena I *Apud* Ricardo Cardoso, “A Invencível Armada na Pena de Shakespeare. Diplomacia e Dramaturgia na Transição do Século XVI para o XVII”, Dissertação (Mestrado em História Social), Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016, p. 27, <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-09122016-141257/pt-br.php>

pela Europa havia algum tempo.⁴ Ainda naquela época, os soldados espanhóis começaram a ser vistos pela sociedade inglesa como cruéis com indígenas, mulheres, idosos e crianças. Como explica Yolanda Rodríguez Pérez, a imagem da Espanha na Inglaterra era marcada pela hispanofobia e pela hispanofilia, mas em panfletos e tratados como os que pretendemos analisar, a imagem anti-hispânica era predominante.⁵ O estereótipo espanhol na Inglaterra também se relacionava diretamente com os conflitos em nome da religião e com as descrições das ações inquisitoriais, o que somava a sua fama a ideia de um povo traiçoeiro, religiosamente fanático e ao mesmo tempo herético. Os acontecimentos navais acrescentaram o elemento da covardia, baseado em relatos de fugas de galeões e da rendição de comandantes espanhóis diante dos ingleses. Por fim, a Lenda Negra era constituída ainda pelos relatos de estupros ocorridos no saque de Antuérpia no ano de 1576,⁶ todas características que seriam repetidas com frequência nos impressos portugueses pós-1640.

Além do conflito com a Inglaterra que se encerrou no ano de 1604, a Monarquia Hispânica entrou em guerra com a França no ano de 1635 e os franceses também foram responsáveis pela difusão de imagens caricatas sobre os espanhóis, panfletos que contavam com o envolvimento direto do rei Luís XIII. Os impressos divulgavam uma representação satírica da Espanha, uma caricatura denominada *l'Espagnol*, ou O Espanhol, que passou a ser associada a partir do ano de 1640 com as derrotas sofridas por Filipe IV nas guerras da Catalunha e de Portugal.⁷ A campanha anti-espanhola incluiu a publicação de numerosas gravuras satíricas e também de balés de corte que apresentavam a Espanha como arruinada muito antes da assinatura da Paz dos Pirineus, em 1660. Ainda que depois desse ano a campanha contra os espanhóis tenha terminado, seus efeitos sobre a população francesa perdurariam por muito tempo, sendo comum encontrar nos relatos escritos a partir do contato com os espanhóis que eles teriam defeitos como “o orgulho, a arrogância, a preguiça, a ignorância em

⁴ A obra do frade dominicano Bartolomeu de las Casas chamada *Breuissima relacion de la destruycion de las Indias*, do ano de 1552, ajudou a consolidar a Lenda Negra na Europa acerca da violência dos espanhóis. No balanço sobre a Lenda Negra realizado pela historiadora Elena Kalínina, ela afirma que “uma opinião desfavorável sobre os espanhóis já existe no século XIII em alguns países europeus”. Elena Kalinina, “Leyendas negras como un instrumento político y legal en la época de la baja edad media y el principio de la época moderna. El ejemplo de Pedro El Cruel (1350-1369) y Felipe II (1556-1598)”, *Estudios de Historia de España*, v. 20, n. 1 (2018), pp. 01-27, (p. 13).

⁵ Yolanda Rodríguez Pérez, “Introduction: On Hispanophobia and Hispanophilia across Time and Space”, in Yolanda Rodríguez Pérez (ed.), *Literary hispanophobia and hispanophilia in Britain and the Low Countries (1550-1850)*, Amsterdam: Amsterdam University Press, 2020.

⁶ Cardoso, “A Invencível Armada.”

⁷ Vanda Anastácio, “Fragmenting Iberia: Images of Castile in Seventeenth-Century Portuguese Pamphlets,” *Portuguese Studies*, v. 25 (2009), pp. 199-214.

relação aos estrangeiros, a libertinagem, a raiva... a lista poderia continuar indefinidamente sem avaliações positivas.”⁸

Vanda Anastácio também descreve o estereótipo espanhol que circulava na França no século XVII: “cabelos pretos e um bigode (evocando o ridículo de D. Quixote), uma espada (às vezes duas), um grande colarinho branco e chapéu de abas moles (considerado fora de moda na época), vaidade, orgulho e um amor por comer nabos.”⁹ O recurso a Dom Quixote e aos demais personagens de Cervantes era comum no século XVII, em um momento em que o burlesco encontrava seu auge e em que tanto o cavaleiro da triste figura quanto seu escudeiro tinham sua imagem reconhecida pela população antes do acesso ao próprio texto escrito.¹⁰ Naquele período os personagens apareciam inseridos em peças de teatro e festas populares com o intuito de fazer rir. Dom Quixote também foi utilizado com essa intenção em um impresso português de que trataremos neste trabalho.

Ainda que fizesse parte dos domínios filipinos, em Portugal também circulavam textos contra a Monarquia Hispânica, sátiras que começaram a ser impressas no mesmo ano de 1580 e que perdurariam até o início da guerra após 1640.¹¹ A partir dali os impressos se voltariam para a defesa da nova coroa no poder e para o ataque direto aos castelhanos. O antagonismo entre portugueses e castelhanos é demonstrado em diversas obras publicadas no período da união. A arrogância espanhola, por exemplo, seria a culpada pelos problemas que ocorriam na região asiática. Além disso, as diferenças de tratamento que recebiam da coroa faziam com que afirmassem que Filipe II “via os castelhanos ‘como filhos’ e aos portugueses ‘como servos.’”¹² Nos anos em que Portugal fez

⁸ Clara Rico Osés, *L’Espagne vue de France à travers les ballets de cour du XVII^e siècle*, Genebra: Editions Papillon, 2012, p. 11.

⁹ Anastácio, “Fragmenting Iberia,” p. 209. Não encontramos tradução específica para o termo “soft hat” utilizado pela autora. De acordo com Clara Rico Osés, todas as gravuras de meados do século XVII na França representam o espanhol vestido à maneira dos anos 1580: “o cartunista afirma à sua maneira que o espanhol já pertencia ao passado” Osés, *L’Espagne vue de France*, p. 27.

¹⁰ Agapita Jurado Santos, “La génesis de don Quijote y Sancho Panza como tipos cómicos, entre España y Francia, hasta 1642,” *Anales Cervantinos*, v. XLIX (2017), pp. 205-240, <https://doi.org/10.3989/anacervantinos.2017.009>. Em análise sobre a influência do teatro espanhol na Inglaterra, Roger Chartier afirma que “com frequência, jornais e panfletos ridicularizavam os inimigos chamando-os de ‘*Quixote of this Age*’. Defensores do Parlamento e partidários do rei eram alvo de troça por suas ‘*quixotical chimeras*’, e seus adversários os consideravam ‘*Don Quixoted*’.” Roger Chartier, “O encontro Shakespeare e Cervantes”, in Roger Chartier, *Editar e traduzir, Mobilidade e Materialidade dos textos (séculos XVI-XVIII)*. São Paulo: Editora UNESP, 2022, pp. 205-246 (p. 221). Chamamos a atenção, assim, para a influência que a produção artística espanhola possuía na cultura europeia.

¹¹ Fernando Bouza, *Portugal no tempo dos Filipes. Política, Cultura, Representações (1580-1668)*, Lisboa: Edições Cosmos, 2000.

¹² “veía a los castellanos ‘como hijos’ y a los portugueses ‘como siervos’”, Pedro Cardim, *Portugal Unido y separado. Felipe II, la unión de territorios y el debate sobre la condición política del Reino de Portugal*. Valladolid: Ediciones Universidad de Valladolid, 2014. p. 139.

parte dos domínios da Monarquia Hispânica, essa proliferação de estereótipos se relacionava diretamente com as disputas políticas envolvendo a condição portuguesa. O reformismo proposto por Olivares incrementando a primazia de Castela no centro da Monarquia exacerbou ainda mais os ânimos e marcou a publicação de livros de tom anti-castelhano.¹³

O poder da coroa hispânica no continente – e também fora dele – não foi alcançado sem o crescimento proporcional de nações inimigas. Quando Portugal iniciou sua separação dos domínios filipinos, já havia sido construído esse estereótipo do espanhol/castelhano que o descrevia a partir da burla e utilizava Dom Quixote como modelo do cavaleiro antiquado e covarde. A fama de mentirosos também se espalhou pelo continente junto com a da violência desproporcional e a relação contraditória com a religião – às vezes exagerada, às vezes herética. Todas essas características foram utilizadas pelos portugueses nos textos que vieram à luz logo após o levante de dezembro de 1640.

A Guerra da Restauração e os espanhóis nas notícias portuguesas

Os primeiros anos após a separação de Portugal foram marcados por uma grande quantidade de impressos exaltando a nova coroa, descrevendo as embaixadas enviadas para diferentes países e os pequenos encontros militares nas fronteiras. Não é incomum encontrar nessas publicações menções à falta de respeito à religião católica por soldados castelhanos, como quando um impresso descreve sua entrada em uma vila portuguesa e afirma que já a haviam saqueado “sem nenhuma reverência ao culto divino, fazendo pedaços a um Cristo, e descompondo as mais imagens, levando todos os gados com outros roubos, e insultos nunca imaginados.”¹⁴ Ou ainda a descrição de outra entrada em que os castelhanos, usando de sua “costumada impiedade” roubaram a Igreja dedicada à Nossa Senhora de Ventosa onde, “(pondo de parte o devido respeito), despiram de seus vestidos fato santos, pondo juntamente fogo ao ermitão, que nela assistia cujo danado incêndio chego a tanto, que tocou o precioso, e divino Jesus que a Senhora tinha em seus santos braços.”¹⁵ Se os castelhanos não faziam reverência ao culto divino, como era de se esperar, “nunca a veneração do Santíssimo Sacramento estava mais segura, que quando o exército português andava em

¹³ Cardim, *Portugal Unido y separado*, p. 193.

¹⁴ *Relaçam da entrada que o mestre de Campo Dom Francisco de Souza fez na villa de Valença de Bomboij em Sabbado tres de Agosto deste prezente anno de mil & seiscentos, & quarenta & hum*, Lisboa: Impressor Jorge Rodrigues, 1641, f. 1. Neste artigo as citações serão em português atualizado.

¹⁵ *Relaçam do felice successo milagrosa vitoria, que ouue o Capitão Luis Mendes de Vasconcellos, contra o inimigo Castellano, no termo da cidade de Eluas [10] de Julho de 1641*, Lisboa: Impressor Manoel da Silva, 1641, f. 1v.

campanha.”¹⁶ A primeira característica castelhana que os impressos de notícias davam ênfase, assim, era a heresia presente entre seus soldados.

Aliada à profanação dos templos sagrados, a violência com que castelhanos tratariam a população das vilas ocupadas também foi amplamente divulgada nas relações de sucesso lisboetas e seriam o motivo da resposta portuguesa, como vemos nesta relação de 1644:

Pareceu a D. João de Sousa, que convinha tomar logo vingança disto, e não desperdiçar finezas de moderação na limpeza da guerra com inimigo, que desejando-a para si, não corresponde com ela, quando acha ocasião, nem respeita a fraqueza do sexo nas mulheres, nem da idade nos velhos, e meninos, e talvez rompe pela veneração devida aos templos, e às imagens. Tinha o Governador mostrado quanto de sua parte desejava esta limpeza de guerra nas entradas, que com ela mandara fazer neste verão, depois da prática que os soldados do inimigo tiveram com os nossos sobre esta matéria: mas vendo que com a morte do velho, e mulheres na entrada de S. Estevão, comprovara ele que não concorria no mesmo desejo, ordenou a Dom Manuel de Sousa seu filho, que com trezentos e cinquenta infantes, e oitenta cavalos fosse a Mayaldes lugar do inimigo, cinco léguas de Chaves, e o destruísse, e abrasasse [de transformar em brasa, colocar fogo], matando todos os homens, que encontrasse, sem fazer dano a mulheres, nem a meninos, porque ainda que a vingança para ser igual pedia isto, não o consentia o respeito, que devia ao esplendor de nossas armas, e assim mesmo, que ainda nos casos, em que o inimigo o não merece, se não devem macular com ações indignas.¹⁷

De acordo com a relação, o comandante português, ainda que quisesse uma guerra “limpa”, teria sido obrigado a responder ao tratamento dado às mulheres, velhos e crianças pelo exército castelhano. Mesmo depois de destruir o lugar e matar os homens, porém, os soldados portugueses teriam poupado mulheres e crianças devido ao respeito às armas portuguesas, que não deveriam ser maculadas com ações indignas.

¹⁶ *Relaçam da entrada que fizeram em Galliza os gouernadores das armas da Prouincia de entre Douro, & Minho o Mestre de Campo Violi de Athis, que por carta de Sua Magestade exercita o cargo de Mestre de Campo General, & Manoel Telles de Menezes Gouernador do Castello de Vianna, & Frey Diogo de Mello Pereira Cômendador de Moura Morra, & Veade da Religião de sam Joam de Malta, Capitam mor de Barcellos*, Lisboa: Impressor: Domingo Lopes Rosa, 1642, f. 4v.

¹⁷ *Relação dos sucessos, que nas fronteiras deste Reyno tiuerão as armas DelRey Dom Joam o quarto N. S. com as de Castella, depois da jornada de Montijo, ate fim do anno de 1644 com a victoriosa defensa de Eluas*, Lisboa: Impressor: Antonio Alvarez, 1645, ff. 89-90.

Segundo outro impresso publicado em Lisboa em 1641, os castelhanos não eram violentos apenas contra os portugueses. Nesta relação podemos ler a descrição de uma batalha, na qual o autor afirma que os catalães:

finalmente andavam, assim eles como elas, tão encarniçados no sangue castelhano, que não se contentavam com lhe derramar quanto podiam, mas cada qual pretendia trazer lembrança dos que deixavam mortos: e nas espadas traziam espetado, qual as orelhas, qual os narizes, qual as línguas castelhanas. Não pareça isto feridade demasiada dos Catalães, a vista da que usou com eles o Marquês de los Veles em Cambrilex, porque depois que os Catalães ali se lhe renderam a partido, os fez sair por uma azinhaga, e à falsa fé, sendo que se renderam a partido, a sangue frio os matou, não perdoado a mulheres, nem meninos, exercitando neles crueldades nunca vistas; nem ao sagrado perdoou nesta ocasião, porque abrasou os templos, depois de os saquear, e queimou os Sacrários; enfim, não perdoou nem aos Santos de Catalunha.¹⁸

À primeira vista, a atitude violenta dos catalães poderia ser interpretada como uma “feridade demasiada”, que a relação logo explica, indicando mais uma vez que era uma resposta às atrocidades cometidas pelos castelhanos: mesmo após os catalães terem se rendido, o marquês de los Veles “a sangue frio os matou”, não perdoando nem mulheres ou crianças e “exercitando neles crueldades nunca vistas”, não poupando nem os santos da Catalunha. A violência de orelhas, narizes e línguas espetadas em espadas seria, assim, justificada.

A falta de habilidade militar dos castelhanos e até mesmo sua covardia também apareciam nesses impressos, que atacavam seu inimigo ao mesmo tempo em que enalteciam os exércitos portugueses, já que os castelhanos eram derrotados – ou fugiam! – mesmo com uma quantidade superior de soldados no campo de batalhas. Lemos assim que, logo após um ataque português “o inimigo depois de dar algumas cartas, fugiu, como costuma.”¹⁹ Em outra relação, em que se descreve que os moradores da vila atacada se defendiam com valentia, lemos que “os nossos pelejaram com mais valor que de homens, porque de cento mal armados, e mais costumados ao exercício do campo, que ao militar, se não podia esperar tão glorioso sucesso: o qual teve fim com a vergonhosa retirada dos

¹⁸ *Relaçam do svecesso qve o Padre Mestre Ignacio Mascarenhas da Companhia de Jesv teue na jornada, que fez a Catalunha, por mādado de S. M. elRey Dom Joam o IV nosso Senhor aos 7 de Janeiro de 1641*, Lisboa: Impressor: Lourenço de Anvers, 1641, f. 7.

¹⁹ *Relaçam da entrada qve fizeram em Galliza*, f. 2v.

Castelhanos.”²⁰ A fuga do campo de batalhas e a inabilidade castelhana na guerra eram sempre lembrados nos escritos portugueses.

A rebelião da Andaluzia e Dom Quixote

Os primeiros anos da guerra trouxeram mais uma ameaça aos domínios de Filipe IV: um importante nobre castelhana – parente do conde-duque de Olivares – inflamado pelas diferentes rebeliões que ocorriam dentro da Monarquia e contando com apoio português, estaria planejando uma nova rebelião na tentativa de declarar a autonomia da Andaluzia.

A Casa Ducal de Medina Sidónia é descrita por Rafael Valladares como símbolo do poderio da nobreza espanhola, hierarquicamente logo atrás da própria coroa. Dessa maneira, não é de se espantar que o duque de Bragança – titular da maior casa portuguesa – tenha se casado no ano de 1633 com Dona Luísa Francisca de Guzmán, irmã do duque de Medina Sidónia. Valladares explica que as finanças desta Casa não iam bem e passavam por uma situação especialmente difícil durante o governo de Felipe IV, agravando-se com as diversas exigências de Olivares, rival do duque.²¹ Foram diversas as reclamações que chegavam de Madri sobre a falta de iniciativa do duque diante da revolta portuguesa.²² Em janeiro de 1641 já corria a notícia de que o duque de Medina-Sidónia havia se sublevado e autoproclamado rei da Andaluzia. Pouco tempo depois, chamado a Madri, se dizia arrependido e culpava o marquês de Ayamonte pela iniciativa. Valladares argumenta:

É difícil dizer se foi o próprio marquês a tomar a iniciativa da rebelião ou se, pelo contrário, essa decisão coube a Medina Sidónia. Também não se pode pôr de lado a hipótese de a iniciativa ter partido de Lisboa, pois todas as partes implicadas tinham muito a ganhar na eventualidade de a operação ser bem sucedida. Não obstante, no relato dos acontecimentos que o governo luso entregou ao seu aliado francês, em 1642, o duque é apresentado como o principal instigador.²³

²⁰ *Relaçam de duas vitorias que os moradores da Aldeya de S. Aleixo, & das Villas de Mourão, & Monfarás alcançarão dos Castelhanos a 6 & 16 deste mez de Outubro, & socorros, que lhes mandou o General Martim Affonso de Mello, & de outro sucesso na Villa de Campo Mayor em o mesmo mês de Outubro 641*, Lisboa: Impressor: Jorge Rodrigues, f. 2.

²¹ Rafael Valladares, *A independência de Portugal. Guerra e Restauração (1640-1680)*, Lisboa: A Esfera dos Livros, 2006. p. 54 e sgts.

²² Luis Salas Almela, *The Conspiracy of the Ninth Duke of Medina (1641). An Aristocrat in the Crisis of the Spanish Empire*, Brill: Boston, 2013. p. 62 e sgts.

²³ Valladares, *A independência de Portugal*, p. 59.

Rafael Valladares entende que se a ideia de um novo “rei de Andaluzia” foi tão comentada, era porque não seria tão descabida naquele momento; a riqueza daquela Casa já tinha levado inclusive mais de um poeta a classificá-los como reis ou soberanos. Como discutiremos a diante, a repetição das afirmações – como o poder da Casa de Medina Sidónia e a possibilidade de uma rebelião – era uma maneira de conferir veracidade a uma informação. A fraqueza do governo central castelhano, aparentemente, era vista desde todos os cantos da península.

No intuito de demonstrar sua fidelidade a Filipe IV, o duque de Medina-Sidónia tornou público a partir de manuscritos e impressos um cartel de desafio em que chamava Dom João IV para um duelo, certamente com o intuito de limpar o nome de sua Casa e melhorar sua reputação, já que havia confessado diante do rei sua culpa no planejamento da insurreição. A preocupação em demonstrar sua fidelidade a Filipe IV era tamanha que o duque teve um gasto considerável em mandar imprimir o cartel em diversas cidades como Sevilha, Valladolid e Écija, além de terem chegado aos dias de hoje sete manuscritos diferentes com o mesmo conteúdo. Ainda que os desafios públicos estivessem proibidos desde os tempos dos Reis Católicos e do Concílio de Trento, não só eles continuavam acontecendo como o próprio duque buscou com que seu círculo de amigos eclesiásticos difundisse escritos que justificassem o duelo.²⁴

O cartel do duque, escrito em primeira pessoa, busca desacreditar João IV por haver manchado o nome da Casa de Guzmán, já que ele teria enviado cartas falsas em seu nome e dado a entender que o duque permitiria a entrada de armas estrangeiras na Andaluzia. As condições do desafio foram as seguintes: um combate regular, corpo a corpo, seja com padrinhos ou sem eles, com as armas que dom João escolhesse. O embate se daria na cidade fronteiriça de Valência de Alcântara, onde ele o esperaria por oitenta dias – entre os dias primeiro de outubro a 19 de dezembro de 1641. O documento tem a data de 29 de setembro daquele ano na cidade de Toledo, local que não fazia parte dos domínios do duque, o que certamente chamou a atenção do autor do cartel seguinte.²⁵ Passada a encenação que de fato ocorreu na cidade de Valência de Alcântara, o duque tentou voltar a sua terra, mas foi detido dias depois. Seu processo foi concluído apenas no ano de 1645, quando teve seus bens confiscados e foi desterrado, morrendo em Valladolid em novembro de 1664.

O cartel produzido pelo duque de Medina-Sidónia teve como resposta um impresso bastante peculiar. Em meados do ano de 1642 circulava pelas ruas de Lisboa um chamado *Cartel de Desafío y protestacion* “assinado” pelo próprio Don

²⁴ Aurelio Vargas Díaz-Toledo “Cartel de desafío de don Gaspar Alonso Pérez de Guzmán el Bueno (1641): nuevos relatos.” *Janus. Estudios sobre el Siglo de Oro*, 6 (2017), pp. 243-279. O autor publica não só a descrição do documento como as imagens das publicações de 1641.

²⁵ Díaz-Toledo, “Cartel de desafío” pp. 255-256.

Quixote de la Mancha Cauallero de la triste figura, protestando – como indica o título – a favor dos castelhanos contra os valorosos portugueses. Todas as características castelhanas que viemos tratando até aqui podem ser lidas logo no início do documento, em que “Quixote” afirma que era um “miserável castigo que o céu deu a minha nação castelhana, em justo castigo de sua soberba, mentiras e tiranias, reduzindo-a ao maior extremo de covardia que jamais encontrou cavaleiro andante ao redor da Terra.”²⁶ O protesto de Dom Quixote iria, assim, para todos a quem chegassem as notícias do que vinha ocorrendo nas fronteiras, pois, devido às atitudes de seus compatriotas, havia sido informado de que daquele dia em diante não poderia mais se intitular o cavaleiro dos leões, mas sim das galinhas, como citado na epígrafe deste trabalho. É possível perceber que esse cartel já é o resultado dos estereótipos consolidados, que fazem rir justamente porque reconhecidos pelos leitores que o acessam. Como explica Jorge Victor de Araújo Souza em seu trabalho sobre uma *fake news* setecentista, “convencia-se o leitor a partir do que pressupostamente ele já conhecia e, mais ainda, formulando imagens verossímeis.”²⁷

A referência ao duelo proposto pelo duque de Medina-Sidónia fica explícita no trecho em que “Quixote” ouve a leitura do próprio cartel produzido pelo duque “com cuja vista (...) fiquei com mais triste figura do que tinha antes, por acabar de conhecer que já nos castelhanos não há mais que penas com que fogem e com que escrevem.”²⁸ Para além das mentiras em si, é frequente nos impressos de notícias portuguesas a menção aos excessos publicados pelos castelhanos, que escreveriam muito, mas que agiriam pouco. Ao final do cartel, o personagem de Cervantes reitera sua insatisfação com os castelhanos, que valem-se

de penas para fugir ou escrever, pois é grande que em um mesmo tempo os impressores se ocupem em imprimir malandragens castelhanas e vitórias portuguesas; antes meu voto é e será sempre, que só nos sirvamos de penas para ir com toda pressa buscar o inimigo em sua casa, como

²⁶ “miserable castigo que el cielo há dado a mi nación castellana em pena justa de su soberbia, embustes y tiranias, reduziéndola al mayor extremo de covardia que jamás há encontrado Cavallero andante em la redondez de la tierra”, Alexia Dotras Bravo, Aurelio Vargas Díaz-Toledo, «Nueva edición del Cartel de desafío y protesta cavalleresca de Don Quixote de la Mancha, Cavallero de la Triste Figura, en defensión de sus castellanos (Lisboa, Domingos Lopes, 1642)», *Suplemento de la Revista Colóquio/Letras*, n. 178 (2011), pp. 77-86. Além de uma breve introdução sobre o documento, os autores publicaram sua transcrição completa.

²⁷ Jorge Victor de Araújo Souza. “Uma ‘fake news’ setecentista? Investigação a respeito da ‘conversão dos índios Orizes’ nos sertões da Bahia (c. 1710-1730)”, *Rev. Hist.*, n. 180 (2021), pp. 1-22 (p. 14), <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9141.rh.2021.166460>.

²⁸ “con cuya vista, (...) quedé con más triste figura de lo que antes tenía, por acabar de conocer que ya en los castellanos no ay más ue plumas con que huyen e con que escriben”. *Cartel de Desafío*.

ele nos buscou na nossa; e ali com os braços damos matéria a penas estranhas, para escreverem nossas proezas.²⁹

A pena transforma-se em recurso utilizado para representar tanto a covardia dos espanhóis, remetendo à pena da galinha, como também às mentiras que publicariam com frequência a partir da escrita. Enquanto os personagens de Miguel de Cervantes foram utilizados na construção de um estereótipo engraçado, antiquado e bonachão do espanhol na França, nesse papel português é o próprio Quixote quem, em nome de defender, ataca seus conterrâneos e é utilizado como uma arma política no intuito de ridicularizar não só as ações castelhanas na guerra contra Portugal, mas também suas notícias impressas e seus escritos. Nesse caso, a burla foi utilizada para divulgar diversos estereótipos espanhóis, enfatizando a fama de produtores de notícias mentirosas, sobre os quais os impressores publicam suas “malandragens”.

O espanhol no *Mercurio Portuguez*

O *Mercurio Portuguez* foi um periódico mensal de notícias que começou a ser publicado no ano de 1663 em Lisboa, dedicado exclusivamente ao conflito com Castela. Era escrito por Antonio de Sousa de Macedo, secretário de Estado de dom Afonso VI. Esse impresso menciona com grande frequência os papéis castelhanos, ora afirmando que “inventam, e se consolam como famosos Comediantes,”³⁰ ora explicando que “se *Mercurio* fora Castelhana, fizera relações do que não havia sucedido; mas porque é Portuguez, nem do que já sucedeu as faz, senão com muito exatas informações.”³¹ O verbo “inventar”, utilizado na primeira frase, é definido no dicionário de Raphael Bluteau como “produzir o engenho algum artifício, ou outra cousa nova”.³² Diferente do que entendemos nos dias de hoje, um “comediante” era, ainda de acordo com Bluteau, “o que representa no teatro”.³³ Os castelhanos teriam a fama, assim, de serem atores capazes de produzir uma coisa nova, de inventá-la. Dentre as características que

²⁹ “de plumas para huir, o escribir, pues es discrédito grande que en un mismo tiempo se ocupen los impressores en estampar fullerías Castellanas, y vitorias Portuguezas; antes mi voto es, y será siempre que solo nos sirvamos de plumas para hir con toda priessa buscar el enemigo en su casa, como él nos buscò en la nuestra; y allí con los braços demos materia a plumas estrañas para escribir nuestras proezas”, *Cartel de Desafio*.

³⁰ *Mercurio Portuguez*, Lisboa, fevereiro de 1664, p. 2. Disponível no site da Biblioteca Nacional de Portugal (<https://purl.pt/12044>). O *Mercurio Portuguez* não possui páginas numeradas, os fólios serão indicados aqui apenas para fim de localização.

³¹ *Mercurio Portuguez*, julho de 1664, p. 8v.

³² Raphael Bluteau, *Vocabulario portuguez, e latino, aulico, anatomico, architectonico, bellico, botânico...* Vol. 4. Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesus, 1713, p. 182.

³³ Raphael Bluteau, *Vocabulario portuguez, e latino, aulico, anatomico, architectonico, bellico, botânico...* Vol. 2. Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesus, 1712, p. 392.

elencamos até agora, o *Mercurio Portuguez* procurava enfatizar com frequência a tal fama de mentirosos que acompanharia os castelhanos.

A preocupação com as mentiras espalhadas pelos castelhanos também se devia ao fato de que suas relações e gazetas atravessavam as fronteiras e abasteciam com informações incorretas a outros periódicos. Em abril de 1665, podemos ler: “Torna o *Mercurio* a advertir (porque algum tempo tem faltado nesta advertência) que os castelhanos não cessam de espalharem novas erradas.”³⁴ O autor do periódico colocava enquanto sua função advertir com uma certa frequência acerca das “novas erradas” que os castelhanos continuariam espalhando. Uma “nova errada”, tendo em vista a guerra que ocorria e a dedicação exclusiva do *Mercurio* aos embates entre portugueses e espanhóis, relacionava-se assim com informações que não corresponderiam à verdade dos acontecimentos, como quantidade de soldados e vitórias em batalhas.

Para um reino que necessitava de reconhecimento da nova Coroa no exterior, os impressos de notícias castelhanos “mentirosos” eram prejudiciais também nas questões diplomáticas que se discutiam nas diferentes capitais para as quais foram enviados embaixadores portugueses desde 1641. Segundo o autor do *Mercurio*, os castelhanos:

Tiravam bom argumento da famosa vitória de Elvas, que obrigando os Castelhanos a fazerem paz com França, nem assim os deixou capazes de ajuntarem exército senão depois de dois anos. Procuravam eles desmentir estas certezas, lançando fama que de Dinamarca, Alemanha, Holanda, Flandres, Itália, e até de França haviam de conduzir grande poder por mar, e por terra. Os estrangeiros se persuadiram a isto como costumam por fatalidade; *mais os Italianos, e principalmente os de Roma, onde Castela tem comprado miseravelmente crédito surdo a toda a razão, e a toda a experiência.* Os Portugueses versados em vencer semelhantes ficções, e conhecendo como vizinhos, e como quase de casa, as traças e as forças do inimigo, ajuntavam seu exército servido, e com suavidade, mais para ofender que para se defenderem.³⁵

O trecho demonstra a percepção portuguesa de que as mentiras espanholas alcançavam grande parte da Europa e que, dentre os estrangeiros, os italianos de Roma eram os que mais acreditavam porque estariam surdos à razão e à experiência. Aparentemente, a verdade se estabeleceria a partir dessas duas características, mas ainda assim não se imporia diante da *surdez* italiana. Os portugueses, por outro lado, já saberiam como vencer as ficções espanholas

³⁴ *Mercurio Portuguez*, abril de 1665, p. 3v.

³⁵ *Mercurio Portuguez*, junho de 1664, p. 2. Itálico nosso.

porque conheciam seus vizinhos. Valendo-nos mais uma vez do dicionário de Raphael Bluteau, *ficção* seria uma “invenção fabulosa”, uma construção que estaria assim no patamar das fábulas; o mesmo verbete propõe ainda “ação de fingir” como explicação para o termo.³⁶ O excerto afirma que os castelhanos tentavam desmentir as certezas sobre seu enfraquecimento bélico a partir de fábulas e de fingimentos, como atores de teatro encenando uma peça.

Analisando um impresso publicado contra os apoiadores de Dom João IV, provavelmente entre os anos de 1641 e 1642, o historiador Diogo Ramada Curto explica que estes portugueses são julgados como baixos, numa desqualificação dos inimigos que obedecia aos critérios da paródia, “a cargo dos bufões, da representação do mal e dos vícios no âmbito da linguagem das virtudes, e da folclorização ou atribuição de características baixas e populares a um determinado personagem.”³⁷ É exatamente o que também podemos ver do lado oposto dessa guerra de informação: os castelhanos de maneira geral, e alguns oficiais específicos, são ridicularizados com grande frequência na tentativa de enaltecer os portugueses e seus exércitos. Quando descobrem as cartas que constavam na secretaria de Dom Juan de Áustria, o *Mercurio* trata de algumas delas, afirmando que

é muito para notar, que homens que se tem por políticos, e Ministros de um grande Rei, tratem as matérias tanto no ar. A qualquer homem vilíssimo dão crédito infalível nas patranhas que lhes vai vender para remediar sua necessidade com o dinheiro que lhe dão (...) fabricam torres de vento (...). As palavras das cartas, resoluções, & outros papéis, muito bem colocadas (...) as disposições muito soberanas, e apertado tudo é fumo, e falta-lhe a substância; porque fabricam sem fundamento. Enfim tudo Castelhanadas e Comedias.³⁸

De acordo com o *Mercurio*, são as cartas, resoluções e outros papéis produzidos pelos castelhanos os responsáveis por essas “torres de vento” sem substância e fundamento. A “castelhanada” seria, assim, uma atitude dos castelhanos diante das adversidades pelas quais estariam passando na guerra: atuariam como comediantes, escreveriam ficções e as propagariam por toda a Europa.

Nos últimos anos da guerra contra Castela ocorreram as maiores batalhas do conflito. Os comandantes do exército inimigo eram os escolhidos pelo *Mercurio Portuguez* para serem ridicularizados e atacados com frequência, o que

³⁶ Bluteau, *Vocabulario Portuguez & Latino*, v. 4, pp. 106-107.

³⁷ Diogo Ramada Curto, “A Restauração de 1640: nomes e pessoas”, *Península. Revista de Estudos Ibérico*, n. 0 (2003), pp. 321-336 (p. 324).

³⁸ *Mercurio Portuguez*, julho de 1663, p. 4.

aconteceu com o citado Dom Juan José de Áustria, filho de Filipe IV entre os anos de 1663 e 1664. No ano seguinte, o comandante passou a ser o marquês de Caracena, que também foi alvo da pena afiada de Antonio de Sousa de Macedo. Na publicação de março de 1665, contudo, uma nova estratégia foi adotada pelo autor do *Mercurio*. O impresso informava que

chegou de Madri um papel intitulado *Voto do Marquês de Carracena* [...] e representa ao vivo o corpo, e a alma de todos os Castelhanos em palavras, arrogâncias, vaidade e ódio, com que destinam a vingança ao desterro e à morte tudo o que de Portugal poderem alcançar.³⁹

Macedo parece não ter certeza se de fato o texto é verdadeiro, mas escreve que “pudera-se duvidar que papel tão sem fundamento saísse de juízo a que se fia o governo das armas, senão foram todos Castelhanos; e eu ainda o duvido; mas se o Autor não é suposto, bom papel fará vindo a Portugal.”⁴⁰ Ou seja: ainda que não tenha sido escrito pelo suposto autor, os portugueses aguardavam a chegada do marquês. Macedo escreve, assim, que não importa se foi mesmo Caracena quem deu aquele voto. Ele sequer sabe se o papel é um voto no conselho de Filipe IV de fato, mas utiliza os escritos na abertura do *Mercurio Portuguez* de março de 1665 porque aquele momento era crucial para a guerra, já que uma cidade importante do sul de Portugal fora tomada pelos castelhanos. Macedo escolhe publicar um texto sobre o qual não tinha maiores informações e não era sequer capaz de confirmar sua autoria porque entende sua importância no contexto da guerra.

O documento ao qual teria tido acesso foi escrito em primeira pessoa, transcrito em castelhano no *Mercurio*, e se inicia com “Caracena” se desculando, porque seria “mais soldado que orador [...] e me é mais pesada uma pena, do que uma espada, nasci talvez mais para ser escrito, do que para escrever (que não soe arrogância;) muitos papéis têm meu nome no contexto, poucos na assinatura.”⁴¹ E continua, categórico, explicando como o rei castelhano poderia derrotar os portugueses: “um rancor nacional acaba, se a nação acaba; dura, se a nação dura. Os portugueses, com a ojeriza herdada, aborrecem este Império, enquanto vivem este império poderá domá-los, mas não uni-los”⁴² O marquês teria inclusive

³⁹ *Mercurio Portuguez*, março de 1665, p. 1.

⁴⁰ *Mercurio Portuguez*, março de 1665, p. 1-1v. Itálico nosso.

⁴¹ “mês Soldado que Orador [...] me es más peso vna pluma, que vna lança, nascí quizá más a ser escrito, que a escribir (no suene a arrogancia;) muchos papeles tienen mi nombre en la contextura, pocos en la firma”. *Mercurio Portuguez*, março de 1665, p. 1v-2.

⁴² “un rancor nacional acaba, si la nación acaba; dura, si la nación dura. Los Portugueses, con la heredada ojeriza aborrecen este Imperio, mientras viven podrá este Imperio domarlos, pero no unirlos.” *Mercurio Portuguez*, março de 1665, p. 3v.

discordado da decisão de Filipe II ao agregar Portugal no ano de 1580 com respeito à jurisdição e aos costumes locais:

a negociação do de Ossuna, e Dom Christoval de Mora, quando o senhor Rei avô de Vossa Majestade se incorporou aquele reino, foi danosíssima, foi um deslumbre político, entrar para possuir aqueles Estados com a paz. Era útil começar a mandar naqueles provincianos, os matando.⁴³

Escreve por fim que suas cidades deveriam ser destruídas, para assim castigar a rebelião: “assim castra Vossa Majestade a rebeldia. Que chegue já ao ouvido daquele inobediente jovem coroado as espantosas vozes do clarim [...] e aquele Babilônia Europa veja cair a lâmina.”⁴⁴ Caracena teria incitado, assim, a destruição de Portugal e de sua população, texto que certamente contribuiu para acirrar os ânimos dos portugueses contra os castelhanos – e ao final não importava se havia sido o marquês ou não o autor daquelas palavras.

Maneiras de convencer: a verdade e o espanhol mentiroso

Abrimos este artigo com os relatos sobre a vitória da Invencível Armada contra os ingleses para demonstrar como a difusão de notícias que não correspondiam à realidade dos acontecimentos acabava influenciando diversas ações políticas. Andrew Pettegree discorre sobre como a atuação dos embaixadores espanhóis foi fundamental para a persuasão de diversas pessoas em diferentes locais,⁴⁵ em um momento em que demonstrar a força da Monarquia Hispânica especialmente dentre as cidades italianas significaria satisfazer aliados fundamentais como Roma, bem como a primazia do rei Prudente no meio católico. O efeito de verdade parece-nos advir não só da autoridade dos embaixadores, mas também da repetição das informações que, ainda de acordo com Pettegree, chegaram por avisos manuscritos que pediam cautela e que ainda assim foram impressas em cidades francesas. Em uma relação de sucessos discorrendo sobre o nascimento de um bebê monstruoso, por exemplo, seu autor afirma que as pessoas só passaram a acreditar porque a notícia começou a chegar

⁴³ “La negociación del de Osuna, y Don Cristoval de mora, cuando el señor Rey Abuelo de vuestra Majestad se incorporó aquel Reyno, fue dañósísima, fue deslumbramiento político, entrar a poseer aquellos Estados con la paz. Era útil empezar a mandar aquellos Provinciales, matándolos”, *Mercurio Portuguez*, março de 1665, p. 4.

⁴⁴ “así castra Vuestra Majestad la rebeldía. Lleguen ya al oído de aquel inobediente Joven coronado las espantosas voces del clarín [...] y aquella Babilonia Europa vea tender la cuchilla.”, *Mercurio Portuguez*, março de 1665, p. 4v.

⁴⁵ Pettegree, *The invention of the News*, p. 154.

com frequência na cidade: “cada dia de novo se confirmava”.⁴⁶ É notável, assim, o reconhecimento dos agentes da Monarquia de que inundar as redes informativas era fundamental na construção das narrativas, verdadeiras ou não. Pettegree argumenta ainda que a falta de notícias “oficiais” era preenchida pelos rumores, portanto autoridades sabiamente não permitiam o vácuo de informações.⁴⁷

Dessa forma, a repetição da notícia vinda de uma autoridade como um embaixador e ainda uma quantidade expressiva dessa mesma narrativa circulando, levava os leitores daquele período a identificarem determinada versão como verdadeira. A maneira como o texto das relações de sucesso era construída, como um relato cru, saído há pouco do campo de batalha, transformava-se em “evidência” na construção da narrativa.⁴⁸ Além disso, Pettegree argumenta que as notícias sobre a vitória da Armada espanhola chegavam a Roma, mas vinham com a observação de que “porque há grande desejo em acreditar em uma vitória, é necessário esperar pela confirmação.”⁴⁹ A persuasão passava, assim, pela autoridade, pela repetição e pela evidência além de, para alguns casos, como Roma e a Invencível Armada, também por uma “bolha de pensamento positivo.”⁵⁰

Esse conjunto de ações com o intuito de persuadir não só os súditos, mas também aliados e sobretudo inimigos, ocorria não só quando os espanhóis saíam derrotados, como no caso da Invencível Armada, mas servia para enaltecer qualquer uma de suas ações militares. Como exemplo, poderíamos citar a batalha de Montijo (1644) entre castelhanos e portugueses, sobre a qual os dois lados publicaram notícias vitoriosas,⁵¹ ou a recuperação da cidade basca de Fuenterrabía (1638), onde de fato os franceses foram derrotados e cuja notícia foi

⁴⁶ *Relacion verdadera de vn mōstruoso Niño, que en la Ciudad de Lisboa nació a 14 del mes de Abril, Año 1628. La qual en vna carta ha embiado de Madrid Sebastiã de Grajales Ginoues a vn Mercadet deste Ciudad, junto con la efigie verdadera del dicho monstruo, la qual se sacó de vna que embiaron à la Magestad del Rey nuestro Señor*, Barcelona: Estevan Liberos, 1628. Biblioteca de Catalunya, Barcelona, Col·lecció de Fullets Bonsoms. F.Bon. 2905.

⁴⁷ Pettegree, *The invention of the News*, p. 83.

⁴⁸ Trabalhamos aqui com a discussão proposta por Carlo Ginzburg e lembrada por Kleber Clementino nas discussões do Simpósio sobre Fake News na Época Moderna, a quem agradecemos. Carlo Ginzburg, *O fio e os rastros. Verdadeiro, falso, fictício*, São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

⁴⁹ “because there is such a great desire in a victory it is necessary to wait for confirmation.”, Pettegree. *The invention of the News*. p. 154.

⁵⁰ Pettegree, “*The invention of the News*”.

⁵¹ Carlos Ziller Camenietzki, Daniel Magalhães Porto Saraiva, Pedro Paulo de Figueiredo Silva, “O papel da batalha: a disputa pela vitória de Montijo na publicística do século XVII”, *Topoi*, v. 13, n. 24 (2012), pp. 10-28.

difundida pela rede de correios e por meio de peças de teatro, romances e muitos impressos nos mais variados formatos.⁵²

Aproveitando assim uma série de características negativas difundidas por todo o continente sobre os espanhóis há séculos, os impressos portugueses possuíam farta munição para enfrentarem seus inimigos na guerra de papéis que se consolidou já nos primeiros anos da guerra. Tanto que nos últimos anos, não importava se a informação era verídica: no caso do “Voto do Marquês de Carracena”, o próprio autor do *Mercurio Portuguez* afirmou em sua publicação que não sabia se o voto era verdadeiro. Mas não importava! Ainda que o *Mercurio* sempre exaltasse a veracidade das informações que divulgava, contra os castelhanos, a autoria do voto passava a ser um detalhe, já que representaria “ao vivo o corpo, e a alma de *todos os Castelhanos* em palavras, arrogâncias, vaidade e ódio.” Detalhe fundamental, contudo, já que voltar o ódio português ao comandante do exército espanhol era bem diferente do que direcioná-lo a um desconhecido que tivesse rabiscado aquelas frases num papel qualquer. O texto atribuído a Caracena demonstrava, ainda, que o marquês viria disposto a destruir a nação, o que reforçava a necessidade da vitória contra o inimigo.

Quando analisa as sátiras do século XVII, João Adolfo Hansen explica que esse gênero encontrava realidade não na empiria, mas nas convenções da recepção, e que estas poderiam ser pautadas pelo juízo, pelo gosto, ou seja, por uma “concordância da imagem caricatural que elabora, ao mesmo tempo em que mantém em circulação o estereótipo de grupos, pessoas ou situações que critica.”⁵³ O autor explica ainda que seria essa imagem que conferiria uma incansável tipificação de diferentes grupos como cristãos-novos, indígenas ou religiosos, imagens aceitas pelo destinatário como convenientes e, por isso, verossímeis. Ainda que estejamos trabalhando com gênero distinto da análise de Hansen, podemos entender o castelhano/espanhol⁵⁴ como tipificado enquanto mentiroso, herege e violento – imagens, assim, aceitas pelos leitores, acostumados em reconhecê-los a partir dessas características negativas. No final, não importava a autoria de fato do voto, porque ele representava a todos os castelhanos, e ele foi publicado como sendo do marquês de Caracena, ainda que o *Mercurio Portuguez* deixasse claro logo no início que não havia indício de que o

⁵² Javier Díaz Nocí, “La circulación de noticias en la España del Barroco,” in Roger Chartier, Carmen Espejo (eds.) *La Aparición del periodismo en Europa. Comunicación y propaganda en el Barroco*, Madrid: Marcial Pons, 2012, pp. 207-243.

⁵³ João Adolfo Hansen, *A Sátira e o Engenho. Gregório de Matos e a Bahia do século XVII*, São Paulo: Companhia das Letras, 1989, p. 229.

⁵⁴ Na Península Ibérica a distinção é marcada, já que existia a compreensão de que a Espanha era toda a região, inclusive Portugal, por isso os papéis portugueses tratam muito dos “castelhanos”. No restante da Europa, ainda que houvesse diferenciação, os termos negativos acompanhavam “o espanhol”, como vimos nas peças shakespearianas e no personagem que circulava nas gravuras francesas.

voto fosse mesmo do comandante castelhano. Usava-se, assim, o estereótipo negativo como maneira de enaltecer ainda mais o brio português diante de seus inimigos – não importando para isso, basear-se (possivelmente) em uma mentira.

Considerações Finais

Certamente não era difícil perceber os usos políticos que a difusão desses impressos de notícias possuía, sobretudo no contexto de guerra. As informações políticas que circulavam não eram aceitas como verdade por muitos leitores, sobretudo pelos membros da elite intelectual das principais cidades europeias. Ainda que alguns leitores, escritores e pensadores do período possam ter entendido as imprecisões da informação como apenas um inconveniente, muitos deles demonstravam grande ceticismo diante das notícias políticas que circulavam: “quanto mais se prometiam imagens precisas do mundo cívico, mais estas eram ofuscadas por convicções de que a construção dos acontecimentos era apenas mais um aspecto negociável do discurso sobre o poder.”⁵⁵ E escritos financiados pelo próprio governo, como era o caso de grande parte das relações de sucesso citadas e do *Mercurio Portuguez*, reiteravam essa desconfiança. Brendan Dooley entende que as informações impressas, por outro lado, possuíam a intenção de mostrarem-se como uma “conclusão” dos rumores, já que diferente dos manuscritos, elas não pareciam estar em diálogo com o exterior. “Cópias impressas pareciam prometer fatos concretos.”⁵⁶ O que acontecia é que as notícias impressas serviam para que os leitores pudessem comparar seus conteúdos, facilitando a percepção das imprecisões e da manipulação política das informações.

Havia assim, claros objetivos políticos não só em inundar as redes informativas com notícias – verdadeiras ou não – mas também em associar uma população aos estereótipos demonstrados nesse trabalho e, sobretudo, à fama de mentirosos, já que mesmo as notícias verdadeiras seriam também desacreditadas. A redução ao absurdo de características do inimigo é algo frequente na construção de estereótipos, ampliando as ações bélicas que eram comuns a todos os exércitos, mas enfatizadas para invalidar os atos do inimigo. Ainda que os espanhóis fossem capazes de construir uma “nova realidade” a

⁵⁵ “The more accurate pictures of the civic world were promised, the more these were overshadowed convictions that the construction of events was just another negotiable aspect of the discourse about power”, Brendan Dooley, “News and doubt in early modern culture. Or, are we having a public sphere yet?”, in Brendan Dooley e Sabrina A. Baron (eds.), *The Politics of Information in Early Modern Europe*, London: Routledge, 2005, p. 276.

⁵⁶ “Hard copy seemed to promise hard fact”, Dooley, “News and doubt in early modern culture”, p. 279.

partir das notícias, como vimos na abertura desse trabalho, isso não era exclusividade dos súditos da Monarquia Hispânica. Os portugueses se apoiaram no estereótipo difundido pelo continente para também construir narrativas importantes no contexto da guerra, situação em que a realidade dos fatos não importava: séculos de descrições dos castelhanos enquanto violentos, hereges e mentirosos eram mais do que suficiente para que as publicações portuguesas construíssem textos verossímeis sobre seus inimigos.

Artigo recebido em 28-12-2023. Aceito para publicação em 27-01-2024.

Citação: Caroline Garcia Mendes, “Castelhanadas e comédias: o estereótipo espanhol durante a Restauração Portuguesa (1640-1668)”, *Clio: Revista de Pesquisa Histórica*, v. 41, n. 2 (2023), pp. 208-229, <http://dx.doi.org/10.22264/cli.issn2525-5649.2023.41.2.08>.

Caroline Garcia Mendes, Professora do Departamento de História da Universidade Federal do Mato Grosso, e-mail: caroline.mendes@ufmt.br, ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3293-6156>.